

22) A necessidade do outro: um dom!

A Regra nos ensina assim a acolher a necessidade do outro como um dom.

Vimos, por exemplo, que quando os irmãos enfermos tornam-se muito exigentes, se não percebem isso, "devem ser levados pacientemente, porque por meio deles se adquire uma recompensa maior" (RB 36,5). "Uma recompensa maior" significa que se recebe ainda mais, que se ganha. Deveriam alegrar-se, dar graças a Deus.

No capítulo 53 da Regra, lê-se que o acolhimento dos hóspedes é acompanhado por sinais de festa: todos correm para acolhê-los, se interrompe o jejum, etc... por que é Cristo que chega. Por este motivo, no capítulo 66, o porteiro do mosteiro é convidado a responder *Deo gratias* a quem bate à porta ou ao pobre que chama. A ação de graças, neste caso, precede, até mesmo, o acolhimento, de tanta certeza que em cada peregrino ou em cada pobre, se esconde o Senhor Jesus. Depois o porteiro, "com toda a mansidão do temor de Deus, [isto é, a consciência de que Deus está presente] com presteza [*festinanter*] responda [eis é a responsabilidade de que falei a respeito do Samaritano] com o fervor da caridade (66,4). O acolhimento é uma festa de amor ardente, e a razão é, sempre e essencialmente, a presença de Cristo, sua vinda entre nós.

Vemos então, que a pior das tentações no acolhimento e no cuidado do próximo é a lamentação, de viver esta realidade como um incômodo, como um transtorno, portanto sem ação de graças. E isto é para Bento, antes de tudo, uma falta de fé, mais que uma falta de generosidade ou gentileza. Falta-nos a fé na presença real de Cristo, onde o próximo pede nosso amor. Assim, ficamos como presos nos aspectos duros do serviço, nos queixamos, procuramos evitá-lo, fugi-lo, para ter algo menos desagradável para fazer, como o sacerdote e o levita da parábola do bom Samaritano.

Para viver a caridade, para amar na ação de graças, devemos então pedir a fé, a fé em Jesus Cristo presente e vivo em meio a nós. Cristo se manifesta, sempre, na fé, àqueles que aceitam amá-Lo na caridade para com próximo, que precisa do nosso amor.

Quando Cristo e São Bento nos pedem para nos tornarmos o próximo de nossos irmãos, e especialmente daqueles que sofrem, é ao amor que nos convidam, e a um amor que, na fé, sabe ser maior que o sofrimento.

São Bento nos oferece uma bela síntese da exigência e da natureza encarnada do amor ao próximo, em uma frase do capítulo 72, sobre o bom zelo dos monges: "suportem pacientissimamente suas enfermidades, quer físicas quer morais" (v. 5). E nos pede para praticar "*ferventissimo amore* - com a mais ardente caridade", como todas as indicações deste capítulo 72 (v. 3). O fato que este pedido de suportar-nos, uns aos outros com paciência, em todas as nossas enfermidades, reflita, no espírito de São Bento, a parábola do bom Samaritano, se intui, talvez, no final deste capítulo, onde parece ecoar a pergunta feita pelo doutor da Lei à Jesus: "Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?" (Lc 10,25) Bento escreve: "nada absolutamente antepõem a Cristo, que nos conduza juntos para a vida eterna." (RB 72,11-12).

São Bento, como Jesus, responde que a vida eterna, mais que ganhá-la com nossos méritos, somos conduzidos por Cristo, com a condição de aderir ao seu amor, na relação com os outros.

"Suportem pacientissimamente suas enfermidades, quer físicas quer morais". "Suportar" traduz aqui o verbo latino *tolerare*. É um verbo que significa levar, suportar, sofrer. No uso atual, quando se fala de suportar ou tolerar, se diz com uma idéia, com uma conotação de indiferença. Suportar, tolerar aquilo que no outro nos incomoda, significa fazer de conta que nada está acontecendo, tomar uma distância psicológica, não dar muita atenção. Enquanto que para Bento "suportar" significa realmente tomar sobre si, envolver-se no sofrimento do outro, levar, realmente, o peso de cada um. É uma real compaixão, um real "sofrer com". Isto vem expresso também no convite, de São Bento, à paciência: "*patientissime tolerant* – suportem com grandíssima paciência".

Assim, o amor, enquanto compaixão paciente, não é sem sofrimento; mas, enquanto amor, é sempre maior do que o sofrimento. Este vem antes e terá a última palavra. O sofrimento sem amor é a morte da alma, a condenação. O sofrimento sem amor é absurdo. É o ponto culminante da grande tentação e prova interior do Pároco de aldeia de Bernanos: aquela de um sofrimento sem amor que, no final, não percebe mais si mesmo:

"Esforço-me a pensar em angústias semelhantes as minhas. Eu não sinto nenhuma compaixão por aqueles desconhecidos. A minha solidão é perfeita, e eu a odeio. Nenhuma piedade para mim.

Se não tivesse mais que amar!

[...] O que não daria para sofrer! Também a dor se recusa a mim: a mais normal, a mais humilde, aquela do meu estômago. Sinto-me terrivelmente bem.

Não tenho medo da morte, esta me é indiferente quanto a vida: e isto é algo que não se pode exprimir.

Parece-me ter feito, contra corrente, todo o caminho que fiz quando Deus me tirou do nada. No começo era apenas essa centelha, este grãozinho de poeira avermelhado, da divina caridade. Não sou outra coisa, novamente, que isto, mas o grão de poeira quase não enrubesce mais, está para se apagar" (Georges Bernanos, *Diário de um Pároco de Aldeia*).

Esta separação do sofrimento e do amor, é o pecado, no qual, se fechava o coração da condessa deste mesmo romance, e que envenenava todas as suas relações. Ela havia se refugiado no sofrimento, pela morte de seu filho em tenra idade, até se tornar insensível ao amor. Porque o amor nos faz sentir o sofrimento. Às vezes, é por esta razão que, em algumas relações, a pessoa se torna insensível ao sofrimento, sufocando o amor. Precisa odiar a pessoa amada que faz sofrer, para não sofrer mais.

Jesus não distanciou o sofrimento de si, porque não queria, não podia separar-se do amor. Sofreu até o fim, porque amou até ao fim.

Por isso, todo o sofrimento vivido em Cristo, tornou-se pascoal: a passagem através, da qual, a dor passa para alegria da sua vitória. Todo o sofrimento, em Cristo, podem se tornar a dor do parto.